



## **AS FACES E SOCIABILIDADE DAS RUAS JOÃO PESSOA E LARANJEIRAS<sup>1</sup>**

José de Oliveira Brito Filho<sup>2</sup>

Adênia Santos Andrade<sup>3</sup>

**Eixo: Pesquisa fora do contexto educacional**

### **RESUMO**

O que dizer das ruas de João Pessoa e Laranjeiras de ontem e de hoje? A rua tem sido estudada em diversas dimensões buscando a identidade do homem urbano, em meio aos avanços tecnológicos que têm modificado no homem moderno o sentido da valorização e preservação cultural. Nesta direção, analisamos o comércio, os aspectos culturais, as festividades e as faces das Ruas João Pessoa e Laranjeiras entre os anos de 1920 a 1940. Para isso recorreremos aos jornais e revistas do início do século XX, sites fotográficos, e acervo bibliográfico. Utilizamos também os relatos escritos por Mário Cabral, Murillo Melins, Maria Nele dos Santos, Naide Barboza, dentre os demais autores, para mostrar a vivência de duas ruas da cidade de Aracaju.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rua, Comércio, Cultura.

### **The faces and sociability of João Pessoa and Laranjeiras Streets**

### **ABSTRACT**

What can be said about João Pessoa and Laranjeiras Streets from the past until today? The street has been studied in diverse dimensions searching for the identity of urban man, amid

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte integrante da monografia de conclusão de curso “O ir e vir das ruas João Pessoas e Laranjeiras (1920-1940)”. 2007. 116f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Tiradentes, 2007. Orientação: Prof.<sup>a</sup> Msc. Maria Nele dos Santos.

<sup>2</sup> Licenciado em História pela Universidade Tiradentes. Pós – Graduado em Didática do Ensino Superior pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: josedoliveirabrito@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Licenciada em História pela Universidade Tiradentes. Pós – Graduada em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sergipe. Membro do grupo de pesquisa (GREPHES/UFS/CNPq). E-mail:adeniasantos@hotmail.com

the technological advances that have modified modern man in the sense of cultural valuing and preservation. In this direction, we analyze the business life, cultural aspects, festivities, and faces of João Pessoa and Laranjeiras Streets from 1920 to 1940. For this, we went to newspapers and magazines from the beginning of the Twentieth Century, photographic sites, and bibliographic collections. We also utilized written reports by Mário Cabral, Murillo Melins, Maria Nele dos Santos, and Naide Barboza, among others, in order to show the life of these two streets from the city of Aracaju.

**KEYWORDS:** Business life, culture, street.

Nos dias atuais, a História Contemporânea utiliza das três grandes linhas referenciais no vasto campo da historiografia mundial (o Positivismo, o Materialismo Histórico ou Dialético e a Nova História), para estudar os mais diversificados temas. Já estudaram sobre a história do amor, e até mesmo a loucura já possui seu estudo. Portanto, verifica-se que na atualidade a História não está mais pautada na construção dos fatos somente a partir de documentos. O que importa é a constituição das fontes para consequentemente contribuir com o vasto leque da Historiografia. Buscando agregar e ao mesmo tempo somatizar-se à História das minorias, dos menos favorecidos, dos esquecidos pelo tempo através deste universo multifacetado que se convencionou chamar de Nova História.

Desta forma, podemos estudar o cotidiano de um povo, sua cultura, seus costumes e seus hábitos. Contudo, a partir deste novo universo, vamos refletir e fazer um passeio histórico pelas Ruas João Pessoa e Laranjeiras, verificando sua importância na sociedade, o que nelas acontecem diariamente, o que podemos encontrar no decorrer do seu percurso e o que pensam os autores sobre elas.

A Rua João Pessoa inicialmente recebeu o nome de Conceição, até 1873, quando então passou a denominar-se Rua Japaratuba. Porém, continuou identificada pela população como Rua do Barão. O nome é justificado pelo fato de João Gomes de Melo, o Barão de Maroim, ter comprado vários terrenos, e neles construído 15 casas, nas quais residiram parentes, afilhados, amigos e locatários.

Denominada de Conceição até 1873, quando foi substituída por Japaratuba, por vários anos continuou identificada, pelo povo, como rua do Barão (...). Naquela época, os ricos compraram ou aforaram os melhores terrenos. Sem fugir à regra, o Barão de Maroim construiu ali 15 casas. Nelas residiram parentes, afilhados, amigos e locatários.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Santos, Maria Nely. **Rua João Pessoa de Outrora**. In: Revista Hora de Estudo. Aracaju, nº 05, SEMED 2000, p.14-15.

Estas casas foram comprovadas como parte do patrimônio imobiliário do Barão, através do lançamento da décima urbana, em nome de Maria de Faro Rollemberg.<sup>5</sup>

A Rua Japaratuba, atual João Pessoa, inicialmente residencial e vaidosa devido aos seus moradores ilustres, resistiu o quanto pode a ser uma rua de comércio, ao contrário da Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco) que já nascera com esta vocação<sup>6</sup>. Porém, sem qualquer acanhamento, o comércio invadiu as residências. As fachadas foram reformadas e passaram a ostentar tabuletas com o nome de fantasia e o tipo de negócio a que se destinava.

Se a rua da Aurora (av. Rio Branco) nasceu vocacionada para o comércio, a de Japaratuba – vaidosa com o baronato – resistiu, tanto quanto pode, ao mesmo destino.(...) Sem qualquer cerimônia, o comércio invadiu os espaços residenciais da rua de Japaratuba(...). As casas reformam as fachadas, abrem legendas, ostentam tabuletas indicando o nome de fantasia e o ramo de negócio.<sup>7</sup>

Por volta de 1890, o comércio nesta rua ainda era acanhado e de pequeno porte, diferente da rua Aurora, que concentrava os trapiches, escritórios, atacadistas e a feira, e Laranjeiras com os seus armazéns de secos e molhados e lojas de fazendas.

O nome da Rua de Laranjeiras foi uma homenagem ao município de Laranjeiras, considerada a Atenas Sergipana. Sua arquitetura é representada por meio de igrejas e sobrados que contribuíram para que recebesse essa denominação. Também é o berço da cultura negra e possuidora de um patrimônio artístico-cultural muito importante para Sergipe<sup>8</sup>.

Em Aracaju, as ruas eram constantemente inundadas, e a locomoção pela cidade e seus arredores era feita através de transportes tradicionais como o carro de boi, cavalos e burros. Nem mesmo o impacto causado pelo bonde puxado a burro, inaugurado em 1901 e o elétrico em 1908, conseguiu alterar a rotina da cidade. Hoje, as ruas estão repletas de táxis e ônibus contrastando com décadas atrás; época em que existiam poucos carros sendo alguns de alugueis. No princípio do século XX a população andava de bonde, e os poucos veículos que

---

<sup>5</sup> Op. Cit, p. 15.

<sup>6</sup> Conforme afirma a Historiadora, Maria Nele dos Santos, em seu texto: **Rua João Pessoa de Outrora** na Revista “Hora do estudos”, 2000.

<sup>7</sup> Santos, Maria Nely. **Rua João Pessoa de Outrora**. In: Revista Hora de Estudo. Aracaju, nº 05, SEMED 2000, p.15.

<sup>8</sup> Afirmam os professores, Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, no livro **Caminhos da Capital**, em 2007.

circulavam eram, devido a pequena quantidade, facilmente identificáveis pelas pessoas. Somente anos depois é que as ruas foram calçadas e surgiram mais carros, lotações e ônibus<sup>9</sup>.

Existiam seis linhas de bondes que circulavam em Aracaju. Para saber o itinerário o percurso bastava observar a placa ou a cor da luz emitida pelo bonde. De fato, compreende-se que naquele momento a população aracajuana era relativamente pequena.

O Bonde nº01 era o Bairro Industrial, o 02 Santo Antônio, e ambos passavam pela Rua João Pessoa, já o de nº05, o Circular, subia pela Rua Laranjeiras e servia para as pessoas dos bairros Cirurgia, Caixa D'água e demais localidades. Portanto, observa-se que dos seis, pelo menos três bondes passavam pelas principais vias de Aracaju nos primeiros meados do século XX, inclusive pelas ruas João Pessoa e Laranjeiras.

A Rua Japaratuba tinha início na Praça Fausto Cardoso, tendo como marco a Intendência Municipal, hoje o Edifício Walter Franco, e terminava nas proximidades da Estação Ferroviária, totalizando sete quarteirões. Atualmente são apenas três.

No ano de 1930, um comitê liderado pelo poeta José Freire Ribeiro<sup>10</sup>, com o intuito de homenagear o líder paraibano, lança uma campanha, para que a Rua Japaratuba, passasse a se chamar João Pessoa (político Paraibano muito conhecido em todo o Nordeste, e que já havia falecido). Na época, O “Sergipe Jornal” lançou uma nota:

Sabbado último teve logar a cerimônia da mudança de nome da nossa principal artéria commercial – a Rua de Japaratuba, para a Rua João Pessoa, reverente homenagem da nossa gente à memória do grande homem extinto. Não podemos deixar sem encomias tal idéia que reputamos louvável por todos os títulos pois perpetuará entre nós a lembrança do valoroso parahybano. A affixação da respectiva placa realizou-se um comício affluindo enorme multidão que ovacionou os diversos oradores dentre os quais destacamos os inteligentes jovens Freire Ribeiro e J. Maria Tavares.<sup>11</sup>

A ideia foi aceita pelo chefe municipal, Teófilo Correia Dantas (1927-1930) que, com esta atitude, rejeitou uma nomenclatura que pertencia a Sergipe, há mais de meio século.

Em 1930, um comitê de moços liberais (...) sob a liderança do poeta José Freire Ribeiro, com o intuito de homenagear-se o líder paraibano, lança a campanha para denominá-la rua João Pessoa. Ao acatar a idéia, o chefe da

---

<sup>9</sup> Como estabelece Murillo Melins em seu livro **Aracaju Romântica que vi e vivi**.

<sup>10</sup> Mais informações em: SANTOS, Maria Nele. **Rua João Pessoa de Outrora**. In: Revista Hora do Estudo. Aracaju. Nº 05, SEMED, 2000.

<sup>11</sup> Sergipe Jornal, 1930. A grafia da época nos documentos utilizados no texto foi mantida.

municipalidade descartou uma designação genuinamente sergipana, de mais de meio século (...).<sup>12</sup>

Aracaju, cidade moderna quase não viu o desfilar das carruagens, dos coches e dos tálburis, carro de duas rodas e dois assentos, sem boléia, com capota, e tirado por um só animal. Logo em seguida, vieram os bondes puxados por dois burros e contendo cinco bancos. Mas eram complicados, pois segundo Mário Cabral<sup>13</sup>, “quando os burros empacavam sobre os trilhos não tinha cristão que os fizessem andar, nem com as chicotadas”. Já o bonde elétrico não tinha esse problema, no entanto, eram também demorados, e para quem estivesse com algum compromisso agendado era preferível viajar de automóvel ou até mesmo a pé. Era um passeio maravilhoso para quem não estava com pressa, mas causava muita confusão por causa da demora, das encrencas, e às vezes da falta de energia. No ano de 1934, no mês de agosto, Aracaju recebeu a visita do Presidente Getúlio Vargas que atravessou de automóvel e depois de bonde a Rua João Pessoa ao lado do interventor Augusto Maynard Gomes<sup>14</sup> atraindo várias pessoas para o centro comercial.

(...) Assim é a Rua João Pessoa. Lojas, bares, sorveterias, hotéis, bancos, barbearias fazem, dessa rua, a mais movimentada da cidade, com os seus transeuntes, com os seus ‘flâneurs’ à porta das livrarias, com os seus ônibus e os seus automóveis, e, antigamente, com os bondes, morosos e superlotados, rolando, indecisamente, em direção aos bairros distantes (...).<sup>15</sup>

Vale ressaltar que o primeiro automóvel apareceu na cidade de Aracaju em 1913 e foi um Ford, cujo proprietário se chamava Arnou Coelho<sup>16</sup>. Mas eram os bondes, os ônibus e as lotações que faziam o transporte de passageiros. Andavam cheios, com gente sentada, em pé, pendurada nos lados e atrás sobre o dorso do engate.

## O Comércio

---

<sup>12</sup> SANTOS, Maria Nele. **Rua João Pessoa de Outrora**. In: Revista Hora do Estudo. Aracaju. Nº 05, SEMED, 2000.p.15. A ortografia da época foi mantida.

<sup>13</sup> Poeta sergipano. Escreveu os livros **Roteiro de Aracaju, Aracaju bye bye**.

<sup>14</sup> Liderou os movimentos revolucionários de 13 de julho de 1924 e 19 de janeiro de 1926, depondo e prendendo o Presidente Graccho Cardoso. Foi interventor Federal (1930-1935), Comandante do 28º BC (1937-1939), Ministro do Tribunal de Segurança Nacional (1940-1942), novamente Interventor Federal (1942-1945). Foi Senador (1947-1951 e 1955-1957). Reformou-se como General.

<sup>15</sup> CABRAL. Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 3ª edição. 2002.p. 203.

<sup>16</sup> Conforme informa Mário Cabral no livro **Roteiro de Aracaju**, 2002. P. 143

O descobrimento e desenvolvimento de uma região dependem muito do comércio. E para o comércio ser ativo, é necessário haver portos, boas rodovias e ferrovias, e neste sentido no início do século XX, Sergipe precisava melhorar o porto para assim poder desenvolver o seu comércio. Dentro do contexto socioeconômico, as Ruas João Pessoa e Laranjeiras sempre tiveram uma representação significativa em relação aos aspectos lucrativos no seu comércio. Praticamente elas sustentaram a sociedade aracajuana mais favorecida no início do século XX, e até os dias atuais vem mostrando o seu potencial.

O comércio é a permutação, troca, compra e venda de produtos dentro de um mercado consumidor, este por sua vez estabelece relações de sociabilidade entre a classe comerciante e o consumidor que adquire o produto.

Conforme afirma Maria Nele dos Santos, no texto *Rua de João Pessoa de outrora*, (p.15), a Rua de João Pessoa no final dos anos 90 ainda possuía um comércio de pequeno porte e tímido, ao contrário das ruas da Aurora e Laranjeiras.

A Rua Laranjeiras é uma rua popular (...). É a rua do povo das pequenas lojas de fazendas, das casas de ferragens, de armazéns secos e molhados (...). Se o grã-fino compra na Rua João Pessoa e o operário no Mercado Modelo, o pequeno burguês faz suas compras na Rua Laranjeiras (...).<sup>17</sup>

A João Pessoa resistiu a tornar-se comercial, porém, a partir das últimas décadas do século XIX, as residências aos poucos foram cedendo espaço a um comércio acanhado e de pequeno porte. Devido à boa localização e almejando a realização de bons negócios, vários comerciantes inauguram e transferem casas e lojas comerciais para a Rua Japaratuba. Neste sentido, Maria Nele comenta: “O Prato Chinês, fundada em 1898 por João Honorato de Albuquerque, vendia louças, vidros, cristais, porcelanas importadas da Alemanha, da Inglaterra e de Limoges da França; tapeçaria, objetos sacros, artigos funerários, bem como relógios alemães (...)”<sup>18</sup>.

O traçado não foi alterado. As casas foram adaptadas à necessidade comercial, com as fachadas reformadas e a abertura de letreiros, indicando o ramo de negócio, conforme solicitação publicada no Jornal “Correio de Aracaju” na qual Manoel M. Cardoso “requer licença para adaptar para fins commerciaes a casa sito à rua de Japaratuba n.47, onde pretende

---

<sup>17</sup> CABRAL. Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 3ª edição. 2002.p. 204.

<sup>18</sup> Santos, Maria Nely. **Rua João Pessoa de Outrora**. In: Revista Hora de Estudo. Aracaju, nº 05, SEMED 2000, p.15.

transferir o seu estabelecimento commercial, bem como abrir um letreiro no mesmo estabelecimento”<sup>19</sup>.

Ao tratar sobre o comércio, verificamos, através dos escritos e recordações de Murillo Melins, que a localização estava restrita às ruas João Pessoa, José do Prado Franco, Itabaianinha, Laranjeiras, São Cristóvão, avenidas Rio Branco, Otoniel Dórea e Praça General Valadão. Outros escritores como Cabral<sup>20</sup>, Santos<sup>21</sup>, Barboza<sup>22</sup>, Chaves<sup>23</sup> também foram de fundamental importância para a reconstituição deste passado.

A Rua João Pessoa começava com o número 1 do “Hotel Central”, e os pontos comerciais serviam de local de encontro entre ricos fazendeiros e pessoas que possuíam um poder aquisitivo elevado para tratar de negócios ou consumir. Dentre as lojas, existiam as especialistas em produtos eletrônicos, secos e molhados, produtos importados, como tecidos finos, gravatas de sedas, peças chinesas etc.

De um lado a Rua João Pessoa começava com o número 1 do Hotel Central (...), a Loja Irmãos Figueiredo, nº 45, pertencia a Paulo e José Figueiredo, local de encontro de ricos fazendeiros e homens de posses que ali tratavam de negócios ou iam escolher uma roupa. (...) A firma Franco e Cia (...) especialista em produtos eletrônicos (...), lambretas, radiolas, (...). Casa Iankee, nº 71, de Shakespeare Andrade (...), parada obrigatória de políticos e altos funcionários públicos (...).<sup>24</sup>

Vindo para o presente podemos confirmar através do quadro comparativo abaixo que essas ruas continuam sendo de zona comercial. Porém, perderam o estilo que possuíam na década de 40, evidentemente por causa dos avanços sociais.

Atualmente no centro comercial encontramos diversas lojas vendendo os mais variados produtos, mas essas ruas perderam de certa forma no decorrer dos anos o brilho e a qualidade na venda dos produtos. Antes eram comerciais, culturais, residenciais e possuíam pontos chiques de encontros. Hoje, o que encontramos, são ruas que não oferecem atividades culturais, não conservam seus prédios, e um comércio que atende os consumidores da classe média e baixa, pois os que possuem melhores condições preferem comprar e consumir nos shopping's, em lugares requintados de grifes, próximo as suas residências ou nos bairros “de nomes”, ou seja; mais valorizados.

---

<sup>19</sup> Petição despachada sob o nº 104 em 06/02/1920. A ortografia da época foi mantida.

<sup>20</sup> Poeta sergipano.

<sup>21</sup> Professora e Historiadora.

<sup>22</sup> Escreveu o livro Em busca de imagens perdidas.

<sup>23</sup> Arquiteto

<sup>24</sup> MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. 2ª ed. Aracaju: UNIT, 2001.p.33.

A descaracterização do centro comercial vem ocorrendo há décadas. Um ponto a ser destacado foi o prédio do Café Central, demolido nos anos 40, e em seu lugar, foi construído o atual Edifício Mayara por João Hora de Oliveira, o primeiro prédio de três andares de Sergipe. Na parte térrea foi instalada a maior e mais bela loja, e magazine de Sergipe “A Moda”. Nos outros andares foram instalados os consultórios médicos e odontológicos, bancas advocatícias e escritórios.

No trecho seguinte da Rua João Pessoa encontramos a Livraria Regina, que foi um local de encontro da intelectualidade sergipana. Das pessoas que freqüentavam todas as tardes esse local podemos apontar: religiosos, filósofos, ensaístas, historiadores, artistas plásticos etc.

Na Rua Laranjeiras no primeiro trecho e no segundo, existiam grandes empresas que contribuíram, e fizeram de Aracaju uma metrópole progressista, gerando milhares de empregos e circulando riquezas. Atualmente seu comércio é mais estagnado comparado ao da Rua João Pessoa. Na década de 40, segundo Melins, “talvez a casa comercial mais comentada devido a sua excentricidade, fosse a relojoaria do senhor Sildulfo Barreto”<sup>25</sup>, localizada no número 158, onde hoje é a Fontes Relojoaria, lá eram vendidos os relógios das melhores marcas e jóias requintadas. O comércio era agitado durante todo o ano.

No final do ano, os conterrâneos que residiam fora do Estado, retornavam a Aracaju a fim de passarem as férias e desfrutarem da feirinha de Natal, aumentando assim o fluxo comercial nas ruas João Pessoa e Laranjeiras, já que a feirinha estava na Praça Olímpio Campos próximo a essas ruas. Os rapazes visitavam as sapatarias para comprar sapatos de cromo<sup>26</sup> sociais de bico fino, bicolores, que seriam usados na praça e nos bailes. Nos dias atuais os rapazes procuram as lojas para comprar tênis ou artigos praticamente da mesma categoria, sumindo consideravelmente os sapatos sociais. As mulheres elegantes sentiam-se obrigadas a mandar confeccionar vestidos para as festas de Natal, Ano Novo e Reis. Atualmente compram roupas já confeccionadas de trajes esportivos que estão no auge da moda. As festas comemorativas do Natal, Ano Novo e Festa de Reis desapareceram dessas ruas, sendo totalmente extinguidas, deixando apenas o espaço comercial, onde as pessoas se deslocam, exclusivamente para comprar.

O sorvete no início do século era novidade, e as mulheres só saíam acompanhadas para a sorveteria. Um dos locais mais privilegiados era a “Sorveteria

---

<sup>25</sup> Era proprietário de uma relojoaria. Pai de José Barreto Fontes, professor e cientista.

<sup>26</sup> Espécie de figura estampada em cores, em geral com relevo, constituindo pequeno impresso recortado para colagem.



Primavera”, situada na Praça Fausto Cardoso com a Rua João Pessoa. As mesas eram repletas de jovens alegres que começavam a “esquentar” com a cerveja e o cuba - libre. Voltando para o nosso dia-a-dia, encontramos nas ruas pontos de lanches que fazem os serviços de vender sorvetes.

Desta forma verifica-se uma mudança nos hábitos, consequência da expansão e crescimento de Aracaju que gera a cada dia a perda da conservação dos costumes, e ao mesmo tempo convida a conhecer novos espaços.

A partir das 18 horas, quase todos iam ver as retretas da Praça Fausto Cardoso, aproveitando para exibir os trajes domingueiros e elegantes. Enquanto isso os sons dos auto-falantes ecoavam os LPs tocados nos carros que faziam as propagandas. Era assim o comércio da Rua João Pessoa, um desfile de modas aos domingos. “Para os que viveram aqueles bons tempos, apenas restam recordações e uma doida ponta de saudade”<sup>27</sup>. Dentre estas constituições memorialísticas e históricas encontramos também nos relatos de Murillo Melins, o “bar Apolo”, situado na Rua João Pessoa, 82, onde hoje é a loja Esplanada. Era muito famoso e freqüentado, geralmente aos sábados e domingos. Era difícil encontrar lá, uma mesa vazia.

Muitos acontecimentos históricos ocorreram durante o período de 1920 a 1940. Em 1942 a cidade foi abalada por torpedeamentos na costa do Estado em plena eclosão da Segunda Guerra Mundial. Este fato foi marcante para sociedade sergipana e principalmente aracajuana.

(...) O ataque de submarinos alemães e italianos aos navios nacionais ou estrangeiros no litoral brasileiro está inserido num momento em que a Batalha do Atlântico entrou num estágio mais violento. Esta batalha, por sua vez, faz parte do maior conflito militar da História: a Segunda Guerra Mundial.<sup>28</sup>

Dentre bares, cinemas e sorveterias, não podemos deixar de identificar o Hotel Marozzi, considerado por Mario Cabral, como o melhor, já que para ele, “Deixam muito a desejar os hotéis da cidade (...)”<sup>29</sup>. Ficava situado na Rua João Pessoa n.º 320 no trecho entre a Praça General Valadão e a Rua São Cristóvão, exatamente onde está localizado o prédio da Loja Insinuante.

---

<sup>27</sup> MELINS, Murilo. Aracaju romântica que vi e vivi. 3ª Ed. Aracaju: UNIT, 2001, p. 179.

<sup>28</sup> CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Atentado Nazista em Sergipe: A História do Torpedeamento dos Navios Mercantes Brasileiro. IN: Revista de Aracaju. Aracaju: FUNCAJU. Ano LX, N 10. 2003. P. 117-130.

<sup>29</sup> Op. Cit. p.163.

Desta forma é importante apontar e ressaltar a importância dessas casas comerciais na formação e solidificação comercial de Aracaju, salientando a respeito do contínuo desenvolvimento urbano da Capital e as transformações no decorrer das ruas João Pessoa e Laranjeiras. Outro ponto a ser destacado é a forma de como podemos observá-las: podemos vê-las tanto com o olhar econômico, quanto através dos aspectos culturais duas vias que muito contribuíram para com o processo de formação de nossa sociedade.

## **Considerações Finais**

A rua revela-se como palco de contínuos acontecimentos, estando em constante movimento. A vida social se manifesta dentro dela, e nela encontramos os diferentes tipos populares. Da década de 20, do século passado para cá, notamos as diversas transformações no centro comercial de Aracaju, mais precisamente nas ruas João Pessoa e Laranjeiras, objeto de estudo deste trabalho. As características iniciais dessas artérias começaram a desaparecer à medida que elas foram sendo preenchidas por carros e tornaram-se movimentadas pela locomoção das pessoas, fruto da reprodução do espaço urbano. A contemporaneidade de certa forma trouxe benefícios, e desequilíbrios para o espaço público fazendo com que as ruas e calçadas perdessem a característica de espaço de divertimento. Foram descaracterizadas tanto na vivacidade espiritual, quanto nos aspectos físicos devido aos fatores urbanísticos, ou seja, a modernização em detrimento dos patrimônios de outrora.

Aracaju no início do século dependeu do Porto para assim poder desenvolver o seu comércio. Portanto, até então, Aracaju não possuía condições suficientes para instalar um comércio luxuoso e pomposo.

Na década de 20, suas calçadas que tanto foram utilizadas por aqueles que iam às compras no comércio, e finais de semana utilizavam-nas para a prática do “footing”, atualmente inexistem. Foram descaracterizadas, dando espaço para a construção do famoso “Calçadão”, que contribuiu para descaracterização do centro comercial, mas que por outro lado facilitou o tráfego de pedestres. O estilo arquitetônico das casas comerciais também foi aos poucos sendo modificado, restando apenas vestígios das fachadas em algumas lojas, consequência da modernização do meio urbano e da falta de conscientização da preservação do patrimônio histórico.

Isto posto salienta-se que o propósito deste trabalho é enfatizar a contribuição dessas casas comerciais para o crescimento da cidade e a expansão comercial, mostrando

como foi o processo e quais foram os fatores que contribuíram direta ou indiretamente com o presente cenário comercial, salientando assim a relevância do tema escolhido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: Centro Histórico de Aracaju. 19000-1940.** Aracaju, SE: Fundação Cultura Cidade de Aracaju, 1992.

BARRETO, Armando. **Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe.** 1934.

\_\_\_\_\_. **Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe.** Nº02 1938.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju.** 3. ed. Aracaju: Banese, 2002.

CRUZ, Adaleide Maria Oliveira L. da, ANDRADE, Eliana Santos. **Cine Teatro Rio Branco “História que jamais poderá ser esquecida”.** UNIT, 2006. (Monografia de Conclusão do Curso de História).

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Atentado nazista em Sergipe: a história do torpedeamento dos navios mercantes brasileiros.** IN: Revista de Aracaju. Aracaju: FUNCAJU. Ano LX, N 10. 2003.

CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques e MENDONÇA, Jouberto Uchôa de. **Caminhos da capital: 150 motivos para viver as ruas de Aracaju.** Aracaju: UNIT, 2007.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50.** 2 ed. Aracaju: UNIT, 2001.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918 – 1976).** São Cristóvão, 2004. (Monografia de Graduação em História)

SANTOS, Maria Nele. **Rua João Pessoa de outrora.** In: Revista Hora do Estudo. Aracaju: SEMED, nº 05. 2000, p12-18.

\_\_\_\_\_. **Aracaju na contramão da “Belle Époque”.** IN: Revista de Aracaju. nº 09, Ano LIX. 2002.

SOBRINHO, Sebrão. **Laudas da História do Aracaju.** Maruim/SE: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1954.

## **Revista e Jornais**

REVISTA DE ARACAJU. nº 07, de 31 de dezembro de 1962. p. 233.

DIÁRIO OFICIAL. Aracaju. nº 1207 de 12 de Janeiro de 1924.

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju. Ementário Social, Segunda 21 de Janeiro de 1935.

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju. nº 2.810 de 19 de Fevereiro de 1920.

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju. nº 718 de 17 de Fevereiro de 1928.

SERGIPE JORNAL, Aracaju. nº 2386 de 24 de Janeiro de 1930.

SERGIPE JORNAL, Aracaju. nº 2394 de 04 de Março de 1930.

SERGIPE JORNAL. Aracaju nº 2570 de 10 de Novembro de 1930.

## **Site**

[WWW.infonet.com.br/serigy](http://WWW.infonet.com.br/serigy)